

Indicadores para análise de programas de prevenção de violência escolar: o que professores e alunos têm a dizer.

Indicators for analyzing school violence prevention programs: what teachers and students have to say.

Indicateurs d'analyse des programmes de prévention de la violence en milieu scolaire: ce que les enseignants et les élèves ont à dire.

Joyce Mary Adam

Universidade Estadual Paulista

joyce.adam@unesp.br

<https://orcid.org/0000-0003-2576-2194>

RESUMO

Este artigo é resultado de uma pesquisa cujo objetivo principal foi analisar quais elementos professores e alunos de escolas estaduais de Minas Gerais e São Paulo propõem como indicadores significativos para avaliar a efetividade propostas governamentais de prevenção à violência escolar. As relações cotidianas e as concepções sobre o que é violência escolar, à luz dos contextos locais e globais, foram aspectos centrais discutidos na pesquisa, utilizando-se autores que trazem reflexões sobre o contexto global e nacional, sobre indicadores qualitativos, efetividade de políticas públicas e a complexidade das relações na escola. Foi utilizada como metodologia de pesquisa os grupos focais e uma análise qualitativa dos dados baseada na análise crítica do discurso (FAIRCLOUGH; MELO, 2012; VAN DJIK, 2010), tendo-se como principal fonte de dados a perspectiva de professores e alunos das escolas pesquisadas. Os indicadores resultantes do trabalho de reflexão dos participantes da escola podem apontar para possibilidades de as mesmas se olharem e se autoanalisarem em termos do que pode e tem sido feito e o que não tem sido feito no âmbito de programas ou políticas de prevenção da violência escolar, assim como apontar em que tais políticas e programas falham e podem ser corrigidos, caso haja interesse. Não se pretende que tais indicadores sejam modelo para outras realidades ou instituições, mas sim que a metodologia desenvolvida, uma metodologia que se considera participativa, possa inspirar outras experiências e formas de avaliar a efetividade de programas de prevenção de violência escolar.

Palavras-chave: Análise de políticas educacionais. Efetividade de políticas públicas. Indicadores de violência escolar. Indicadores qualitativos.

ABSTRACT

This article is the result of a research whose main objective was to analyze which elements teachers and students from state schools in Minas Gerais and São Paulo propose as significant indicators to evaluate the effectiveness of governmental proposals for preventing

school violence. Daily relationships and conceptions of what school violence is, in the light of local and global contexts, were central aspects discussed in the research, using authors who bring reflections on the global and national context, on qualitative indicators, effectiveness of public policies and the complexity of relationships at school. Focus groups and a qualitative data analysis based on critical discourse analysis were used as the research methodology (FAIRCLOUGH; MELO, 2012; VAN DJIK, 2010), with the main source of data the perspective of teachers and students in the schools surveyed. The indicators resulting from the reflection work of school participants can point to the possibilities for them to look at and self-analyze in terms of what can and has been done and what has not been done in the context of school violence prevention programs or policies, as well as pointing out that such policies and programs fail and can be corrected, if there is interest. It is not intended that these indicators be a model for other realities or institutions, but rather that the methodology developed, a methodology that is considered participatory, can inspire other experiences and ways to evaluate the effectiveness of school violence prevention programs.

Keywords: *Analysis of educational policies. Effectiveness of public policies. School violence indicators. Qualitative indicators.*

RÉSUMÉ

Cet article est le résultat d'une recherche dont l'objectif principal était d'analyser quels éléments les enseignants et les élèves des écoles publiques du Minas Gerais et de São Paulo proposent comme indicateurs significatifs pour évaluer l'efficacité des propositions gouvernementales de prévention de la violence à l'école. Les relations et les conceptions quotidiennes de ce qu'est la violence à l'école, à la lumière des contextes locaux et mondiaux, ont été des aspects centraux discutés dans la recherche, à l'aide d'auteurs qui apportent des réflexions sur le contexte mondial et national, sur les indicateurs qualitatifs, l'efficacité des politiques publiques. et la complexité des relations à l'école. Des groupes de discussion et une analyse de données qualitatives basée sur une analyse critique du discours ont été utilisés comme méthodologie de recherche (FAIRCLOUGH; MELO, 2012; VAN DJIK, 2010), avec la principale source de données le point de vue des enseignants et des élèves des écoles étudiées.. Les indicateurs résultant du travail de réflexion des élèves des écoles peuvent indiquer les possibilités pour eux mêmes de se pencher et de s'auto-analyser en termes de ce qui peut et a été fait et de ce qui n'a pas été fait dans le cadre des programmes ou politiques de prévention de la violence à l'école, tout en soulignant que ces politiques et programmes échouent et peuvent être corrigés, s'il y a un intérêt. Il n'est pas prévu que ces indicateurs soient un modèle pour d'autres réalités ou institutions, mais plutôt que la méthodologie développée, une méthodologie considérée comme participative, puisse inspirer d'autres expériences et moyens d'évaluer l'efficacité des programmes de prévention de la violence à l'école.

Mots-clés: *Analyse des politiques éducatives. Efficacité des politiques publiques. Indicateurs de violence à l'école. Indicateurs qualitatifs.*

Introdução

Este artigo é resultado de uma pesquisa realizada com auxílio Fapesp, cujo objetivo foi analisar quais elementos professores e alunos de escolas estaduais de Minas

Gerais e São Paulo propõem como indicadores significativos para avaliar a efetividade de propostas governamentais de prevenção à violência escolar.

Na discussão sobre avaliação de políticas públicas e de programas de prevenção da violência escolar conceitos como os de eficácia, eficiência e efetividade se diferenciam desvelando distintos caminhos que esta pesquisa não poderia se furtar a discutir. Sander (1995) ao discutir a questão da eficiência no campo da administração da educação, lembra que o conceito de eficiência se vincula a produtividade e racionalidade acima de tudo, como ilustra a seguinte citação:

Como construção heurística de gestão da educação, a administração eficiente é uma derivação conceitual da escola clássica de administração e uma indução analítica da prática dos administradores escolares e universitários que pautam sua conduta de acordo com os princípios gerais de organização e gestão desenvolvidos no início do século XX no contexto econômico e racionalista da consolidação da Revolução Industrial. Nessa perspectiva, é possível caracterizar a organização como um sistema fechado, mecânico e racional, no qual a mediação administrativa se apóia primordialmente no conceito de eficiência. A eficiência (do latim *efficientia*, ação, força, virtude de produzir) é o critério econômico que revela a capacidade administrativa de produzir o máximo de resultados com o mínimo de recursos, energia e tempo. (SANDER, 1995, p. 2).

Jannuzzi (2002), também apresenta diferenciações entre os conceitos de eficiência, eficácia e efetividade, ao discutir a formulação de políticas públicas e programas sociais e as consequências que podem resultar ao optar por uma ou outra dessas três concepções para a elaboração dos indicadores. A seguinte citação ilustra essa ideia:

Outro sistema de classificação de especial interesse na formulação de políticas é aquele que diferencia os indicadores segundo os três aspectos relevantes da avaliação dos programas sociais: indicadores para avaliação da eficiência dos meios e recursos empregados, indicadores para avaliação da eficácia no cumprimento das metas e indicadores para avaliação da efetividade social do programa, isto é, indicadores para avaliação dos efeitos do programa em termos de justiça social, de contribuição para aumento da sociabilidade e engajamento político, enfim, dos efeitos do programa em termos mais abrangentes de bem-estar para a sociedade (NEPP/UNICAMP, 1999; CARDOSO, 1999, apud JANNUZZI, 2002, p. 60)

Considera-se que o conceito de efetividade estaria mais adequado para a análise das políticas públicas e dos programas de prevenção da violência pelo fato de que, além da eficácia de cumprimento de metas e eficiência na utilização dos meios e recursos

empregados, é a contribuição que os programas de prevenção da violência escolar podem trazer em termos de aspectos como a maneira que a instituição escolar se auto avalia em termos das relações de poder e das interações no cotidiano. Além disso destaca-se a questão de em que medida esses programas contribuem para a melhoria das interações e para auxiliar a encontrar os melhores caminhos para a resolução de conflitos na escola.

Em vista de tais aspectos para análise das propostas de prevenção da violência escolar e para elaboração dos indicadores de avaliação de sua efetividade, deve ser considerado o que está implícito nas subjetividades das relações estabelecidas. Para tanto, a visão dos diferentes grupos em interação é de fundamental importância e ouvir alunos e professores no processo de análise de programas de prevenção de violência escolar a que estão submetidos, é chave para esse processo.

Na discussão sobre a violência escolar destaca-se a complexidade do processo de reprodução e produção da mesma privilegiando as interações e inter-relações tanto organizacionais quanto interpessoais no âmbito do espaço escolar e em outras instituições que se vinculam diretamente a esse processo, sejam eles órgãos governamentais, família e comunidade, dessa maneira, considera-se que as análises de efetividade dos programas de prevenção da violência escolar precisam incorporar essa complexidade.

As propostas de enfrentamento da violência escolar refletem as contradições sociais e a disputa política entre as diferentes forças sociais e estão em consonância com a crescente preocupação com uma camada da população, a de jovens e adolescentes considerados em situação de risco, sobretudo a juventude de bairros periféricos, que são considerados como potencial “problema social”. A partir daí essa camada da população, passa a ser objeto de políticas públicas sendo que no Brasil, principalmente a partir dos anos 90, em que ganham espaço as políticas voltadas exclusivamente para a juventude (SPOSITO; CARRANO, 2003).

É nesse sentido que são destacados, como já apontado em outros estudos, a produção social da insegurança e o medo do crime devido ao enfraquecimento dos laços sociais e insegurança no emprego, aliado ao medo de falhar socialmente e profissionalmente, aspectos característicos do que alguns autores têm chamado de pós-modernidade (SENNETT, 2006; BAUMAN, 1998). Nesse contexto, do sentimento de aumento da violência e do sentimento de insegurança social, diferentes autores (TAVARES DOS SANTOS, 2004; WACQUANT, 2007) têm apontado para o crescimento, nos últimos vinte e cinco anos, da população de encarcerados e do crescimento dos que obtêm a sua

subsistência da indústria carcerária, de equipamentos de segurança, e de todas as atividades relacionadas ao crime e ao sentimento de insegurança.

As políticas públicas voltadas para a população jovem, principalmente os jovens em potencial situação de risco, fazem parte também dessa preocupação com a insegurança, apresentando um discurso que foca tanto regras e punições mais rígidas, quase beirando a intolerância, assim como a prevenção do que Castel (2010) chamaria de desfiliação. O conceito de desfiliação de Castel (2010) significa a não inscrição nas regras da filiação e na reprodução das regras sociais estabelecidas e convencionadas e também pela recusa à participação no grupo de inscrição familiar ou social. Castel (2010) considera que há risco de desfiliação quando o conjunto das relações de proximidade que um indivíduo mantém a partir de sua inscrição territorial, que é também sua inscrição familiar e social, é insuficiente para reproduzir sua existência e para assegurar sua proteção.

As discussões sobre metodologia de elaboração de indicadores em ciências sociais trazem vertentes que discutem o quanto os indicadores se aproximam da realidade e o quanto são questões conceituais, como se refere Raya Diez (2007), em artigo que discute exclusão social na Espanha:

El uso de los indicadores sociales como metodología de aproximación a la realidad en las Ciencias Sociales se ha desarrollado desde una doble vertiente. Por un lado, a partir del «movimiento de los indicadores sociales» (Duncan, 1969) que trata de obtener informaciones rigurosas sobre el punto de partida y las consecuencias de diferentes actuaciones sociales, derivadas de decisiones políticas. Y por otro lado, desde una vertiente más conceptual y menos empírica aparece la cuestión de los indicadores entendidos como «pista precientífica» para aprehender los conceptos que no son directamente observables. (RAYA DIEZ, 2007, p.156, grifo do autor)

Para além das questões da macro política ou da administração e planejamento em larga escala, destaca-se a questão da elaboração de indicadores como processo de análise da micropolítica e dos resultados das macro políticas, focadas em determinadas agendas sociais e governamentais. A análise das micropolíticas leva à definição de indicadores qualitativos, que permitem maior aprofundamento de tais análises por incorporar atitudes e sentimentos dos envolvidos e usuários das políticas, como sugere a seguinte afirmativa de Silveira e Peixoto (2010)

Um indicador qualitativo é aquele que mede as mudanças nas atitudes e no comportamento. Eles são em geral obtidos através de respostas subjetivas, textuais. A confiança dos jovens na polícia, a confiança do policial nos jovens e a visão dos jovens

sobre as drogas lícitas são três exemplos de indicadores qualitativos. Este formato de indicador é mais difícil de ser analisado exigindo maior destreza do avaliador e é utilizado exclusivamente em avaliações de processo. (SILVEIRA; PEIXOTO, 2010, p. 32)

Com respeito à abordagem metodológica adotada, de indicadores qualitativos, é reforçado o que afirma Minayo (2009, p. 87), que não “[...] vamos encontrar listagens de indicadores qualitativos, pois, diferentemente das escalas de mensuração, esses são construídos com os próprios atores que fazem parte do estudo avaliativo [...]”. A partir dessa consideração é que a discussão com alunos e professores a respeito dos elementos que devem ser considerados para a elaboração dos indicadores de violência nas escolas se torna questão fundamental. Não se trata da elaboração de indicadores que tenham como base elementos supostos por atores externos ao processo vivenciado no cotidiano das escolas, muito pelo contrário são exatamente os sentimentos e vivências cotidianas as fontes para elaboração dos indicadores.

Em vista de tais aspectos para análise das propostas de prevenção da violência escolar e para elaboração dos indicadores de avaliação de sua efetividade, foi considerado o que está implícito nas subjetividades das relações estabelecidas. Para tanto, a visão dos diferentes grupos em interação é de fundamental importância.

Nesse sentido, entende-se que a elaboração dos indicadores de efetividade dos programas de prevenção à violência escolar deve partir das concepções do que é a violência e as formas consideradas válidas para sua prevenção. As concepções de participação, autoridade e as relações de poder presentes na escola são questões que estão intimamente ligadas à produção e reprodução de violências no ambiente escolar e são elementos que devem estar presentes quando se analisa os resultados de tais programas.

Dentre as diferentes maneiras de pensar os indicadores, no caso da violência escolar, uma delas é pensar a partir de que pressupostos partem os programas de prevenção da violência escolar e a partir de quais pressupostos partiriam as escolas para avaliar a violência presente em seu ambiente e a efetividade dos programas de prevenção a partir da realidade concreta dessas escolas.

O ponto de partida para a discussão da elaboração dos indicadores de efetividade de programas de prevenção de violência escolar foram os programas Sistema de Proteção Escolar, no estado de São Paulo (SÃO PAULO, 2015, 2017a, 2017b) e Mediação de Conflitos em Ambiente Escolar - MESC em Minas Gerais (COUTINHO, 2015, 2016). Nos grupos focais procurou-se promover discussões que abrangessem o cotidiano da escola e não especificamente os programas de prevenção de violência implementados, mas

inevitavelmente estes programas sempre apareciam. A proposta de não focar especificamente os programas e deixar solta a temática das interações cotidianas teve a função de entender até que ponto os programas eram significativos para os participantes e em que situações eram mencionados.

Foram realizados grupos focais com alunos e professores de cada uma das escolas. A técnica de pesquisa utilizada foi a de grupos focais e para sistematização das discussões foram realizados cartazes, junto com os participantes, com a síntese das discussões sobre as temáticas abordadas. Os cartazes foram elaborados a partir das frases ou palavras mais significativas do que foi discutido no grupo focal. Essa técnica permitiu uma primeira discussão mais geral que expressasse o pensamento de cada um no grupo focal e ao mesmo tempo uma reflexão sobre as frases e palavras que sintetizavam o discutido por todos.

Os indicadores de violência na escola na perspectiva das escolas de Minas Gerais e São Paulo

Para análise dos dados dos grupos focais a referência foi a análise crítica do discurso (FAIRCLOUGH; MELO, 2012; VAN DIJK, 2010). A análise crítica do discurso constitui-se em uma investigação analítica discursiva que busca compreender, evidenciar e desvelar como a dominação e a desigualdade são representadas e reproduzidas por textos orais e escritos em cada contexto social e político (VAN DIJK, 2010).

As escolas participantes da pesquisa foram indicadas pelas Secretarias de Estado da Educação, tanto de Minas Gerais quanto de São Paulo. No caso de Minas Gerais as escolas escolhidas tiveram como justificativa o fato de serem escolas que estão participando do Projeto MESC – projeto de mediação nas escolas, e no estado de São Paulo foram escolas que tinham o professor mediador, previsto no Sistema de Proteção Escolar.

Questões abordadas no grupo focal:

- O que é violência e violência escolar?
- A escola tem recebido orientações para enfrentamento do que considera violência? Quais?
- Participa de algum projeto próprio ou oferecido por diferentes órgãos como Defensoria Pública ou Secretaria de Educação?
- Que aspectos são ou foram significativos que o projeto trouxe para a escola?
- Que aspectos você considera que deve ser um instrumento de avaliação sobre o impacto de tais projetos na escola?

- Quais indicadores são importantes.

As categorias de análise das falas nos grupos focais, tanto de professores como de alunos, tendo em vista os objetivos da pesquisa que é a elaboração de indicadores qualitativos sobre a efetividade de programas de prevenção à violência escolar, foram:

- A concepção de violência na escola, vista por professores.

- A concepção de violência na escola vista pelos alunos.

- Os indicadores para análise de programas de prevenção de violência na escola apontados por professores,

- Os indicadores para análise de programas de prevenção de violência na escola apontados pelos alunos.

1. Os indicadores elaborados pelas escolas de Minas Gerais

As escolas selecionadas para a pesquisa se situam em áreas periféricas de duas cidades que ficam no entorno de Belo Horizonte. Nessas escolas foram realizados em cada uma delas grupo focal com alunos e grupo focal com professores.

Na escola 1, já havia um grupo de alunos e professores que participava do Programa MESC, Programa de Mediação Escolar, promovido pela Defensoria Pública, há mais de um ano. No grupo focal de alunos, participaram 13 alunos do ensino médio, com idades entre 14 e 17. No grupo focal de professores 09 professores de diferentes disciplinas participaram do grupo. A escola tem aproximadamente 640 alunos que frequentam ensino fundamental, segundo ciclo, ensino médio e ensino supletivo.

Na escola 2 estava sendo iniciado um grupo tanto de alunos quanto de professores que participariam do projeto MESC, mas ainda estavam em processo inicial. Participaram dos grupos focais 16 alunos, que frequentam o ensino médio, na faixa etária de 14 a 17 anos, e 04 professores de diferentes matérias. No dia em que a pesquisa foi realizada nessa escola houve uma paralização de mobilização dos professores por melhores condições de trabalho, o que dificultou a participação de mais professores. A escola tem aproximadamente 680 alunos que frequentam ensino fundamental, segundo ciclo, ensino médio e ensino supletivo; 94 funcionários boa infraestrutura física.

1.1. A concepção de violência na escola, vista por professores

Como já afirmado anteriormente a importância de se discutir a concepção do que é violência na escola é fundamental para a elaboração, conjuntamente com os atores da

escola, dos indicadores da efetividade dos programas e ações de prevenção da violência na escola.

Analisando-se as falas, se observa que foram apontadas violências verbais, violências físicas e violências institucionais. Nesse sentido, tanto a violência física como a violência simbólica encontram-se presentes nas falas dos professores participantes do grupo focal e elas não se restringem às relações na escola, mas também às relações com instituições de fora da escola, como órgãos públicos responsáveis pelas políticas educacionais.

Outro aspecto a notar é a relação entre os professores, onde é apontado como violência a diferença e imposição de ideia, gerando conflitos. Importante observar que os professores das duas escolas apontam como violência a violência institucional, assim como a violência entre professores no tocante às diferenças ideológicas, aspectos que nem sempre aparecem quando se discute a relação entre os profissionais da escola, seja por medo de represálias dos colegas ou dos gestores ou pelo receio de conflito com o grupo ao abrir para alguém de fora da escola as dificuldades enfrentadas entre os profissionais. As falas mais significativas apresentam os conflitos não somente entre alunos, mas também entre professores e entre a escola e a secretaria de educação:

A questão da dificuldade de desenvolvimento de trabalhos coletivos dos professores, aparece nas falas principalmente na escola 2, onde o grupo focal foi realizado com menor número. Uma questão a ser observada, nas discussões no grupo focal, foi a de que na escola 1, que já vinha desenvolvendo o projeto MESC há mais tempo, não aparece na fala dos professores a dificuldade de projetos coletivos e nem conflito entre os professores.

O quadro a seguir, mostra a síntese das falas dos professores das duas escolas pesquisadas:

1)	O que é violência escolar?
2)	A escola tem recebido orientações para enfrentamento do que considera violência? Quais?
3)	O que vocês conhecem sobre o projeto de prevenção de violência escolar que vem sendo desenvolvido em sua escola.
4)	Que aspectos importantes o projeto trouxe para a escola?
5)	Como deve ser um instrumento de avaliação sobre o impacto de tais projetos na escola?
6)	Que questões devem compor um conjunto de indicadores de avaliação do programa de violência escolar.

Quadro 1 - Fala dos professores sobre violência na escola (escolas 1 e 2 MG)

Fonte: Elaborado pela autora

1.2. A concepção de violência na escola vista pelos alunos

Observou-se que as situações consideradas violência pelos alunos referiram-se, a violências verbais e violências simbólicas. No entanto, destacam-se algumas situações, como os preconceitos e a questão do respeito relacionado não somente do aluno ao professor, mas também do professor com o aluno.

As situações consideradas como violência, em geral, se remeteram a situações concretas vividas nas duas escolas e que foram trazidas pelos alunos e observa-se o reconhecimento de violências de ambos os lados, tanto de professor quanto dos alunos. Observa-se também menção a comportamentos esperados e que muito provavelmente são falas reflexo dos temas que vêm sendo trabalhado em programas como o MESC e o Gentileza gera Gentileza, tais como o respeito ao outro a cordialidade etc.

Durante o grupo focal as falas dos alunos da escola 1 destacaram alguns princípios de convivência que são trabalhados pelo MESC, que consideraram ter trazido um diferencial nas relações na escola. Citaram especificamente o relacionamento com uma pessoa que tem a tarefa de controle dos alunos no espaço fora da sala de aula e entrada dos alunos na escola, afirmando que depois do projeto MESC a forma de tratamento dos alunos por essa pessoa modificou completamente. Esse e outros aspectos apontados pelos alunos no tocante ao sentido da violência na escola têm como um referencial importante o que chamam de “respeito” a eles, alunos, e que incidirão como pode ser visto nos indicadores que apontam, relacionados à participação e protagonismo dos alunos na escola.

O quadro 2 a seguir é a síntese das falas dos alunos com respeito ao que consideram violência na escola.

	Tipos de violência-Escola1	Tipos de violência-Escola2
Professor-aluno	- Coisas rotineiras para os alunos podem ser consideradas violência para os professores. - Uso de palavrão - Postura autoritária do professor com relação ao aluno (gritar, discutir, humilhar, discriminar, menosprezar)	-Autoritarismo do professor.
	- Uso de palavrão.	- Falas agressivas dos alunos

Aluno-professor- escola	- Agressão verbal e física – reflexo das relações familiares.	- Falta de limite.
Professor- professor	- Diferenças ideológicas - Imposição de ideias.	- Falar junto com outra pessoa. - Críticas entre professores. - Boicote a projetos coletivos. - Menosprezo ao trabalho desenvolvido pelos colegas. - Ausência de controle sobre o trabalho da escola com relação a propostas coletivas.
Violência institucional (órgãos públicos, direção, etc.)	- Sem menção	- Ferir o direito do outro - Violência institucional – imposições: número grande de alunos em sala de aula, leis construídas sem a participação dos professores.
Aluno-aluno	- Agressão verbal e física - reflexo da família (gritar, chutar porta). - Uso da força. - Coerção com agressão física. - Agressão física aluno x aluno. - Agressão sexual. - Bullying (chacotas e agressões físicas e verbais)	- Violência física. - Uso indevido do celular.
Escola-Pais	<ul style="list-style-type: none"> • Responsabilidade dos pais pelo comportamento violento 	<ul style="list-style-type: none"> • Ausência dos pais na escola.

Quadro 2 - Falas dos alunos, das escolas 1 e 2, sobre violência na escola (MG)

Fonte: Elaborado pela autora

1.3. Os indicadores apontados por professores e alunos das duas escolas

Considerando-se a importância de confrontar os indicadores apontados por professores e alunos das duas escolas, estes serão apresentados lado a lado a seguir no quadro 3.

	Tipos de violência-Escola1	Tipos de violência-Escola2
Professor-aluno	- Preconceito, homofobia. - Machismo. - Intimidação. - Não falar “bom dia” - Anotar o nome do aluno sem saber o motivo.	- Preconceito, racismo, homofobia - Falta de comunicação entre professor e aluno. - Autoritarismo do professor.
Aluno-professor- escola	- Desrespeito. - Sair da sala sem	- Desrespeito: não cumprir ordens.

	permissão. - Falar junto com o professor.	- não respeitar espaços, ideias, diferenças
Professor-professor	Sem menção	Sem menção
Aluno-aluno	- Bullying. - Agressão física e verbal	- Bullying - Agressão física, verbal, psicológica. - Bombas na escola. - entupimento de fechaduras
Escola-pais	- Pais envolvidos nos conflitos	- sem menção

Quadro 3 - Indicadores apontados por professores e alunos (MG)

Fonte: Elaborado pela autora

Além das concepções de violência, percebe-se que a formação recebida por meio do programa MESC é um referencial para os indicadores apontados por professores e alunos das duas escolas de Minas.

Os indicadores apontados podem ser relacionados ao conteúdo trabalhado no Programa MESC. O módulo 7, provocar reflexão participativa para criação de quadro com valores necessários para um ser ético e voltado para a escuta empática, além das expertises técnicas do mediador, assim como os módulos 8 e 9 são compostos por discussões que vão ao encontro, por exemplo, do indicador apontado pelos alunos que é: métodos de resolução dos conflitos; existência de diálogo; se colocar no lugar do outro, ouvir (COUTINHO, 2015, 2016). Outros indicadores apontados pelos professores vão na mesma direção, tais como os de: nível de protagonismo dos alunos; formas de resolução de conflitos; gestão da escola: nível de delegação de poder, de diálogo, trabalho em equipe; respeito aos profissionais.

Como já afirmado anteriormente, a elaboração dos indicadores de efetividade dos programas de prevenção à violência escolar deve partir das concepções do que é a violência e as formas consideradas válidas para sua prevenção. As concepções de participação, autoridade e as relações de poder presentes na escola são questões que estão intimamente ligadas à produção e reprodução de violências no ambiente escolar e são elementos que devem estar presentes quando se analisa os resultados de tais programas. Observa-se que há uma sensibilização a respeito das relações de poder estabelecidas e de como este aspecto pode influenciar a violência nas escolas e de que maneira pode ser

trabalhado e se constituir um indicador para a análise da efetividade de programas de prevenção de violência escolar.

Como destacado na metodologia ao fazermos uma análise crítica do discurso considera-se que os atores sociais, no curso de sua atividade, produzem não só representações das práticas em que estão inseridos (representações reflexivas) como de outras, descontextualizando-as e incorporando-as às suas próprias. Apesar de não termos trabalhado com o conceito de representação, pode ser destacado que tanto no grupo de professores, quanto no de alunos das duas escolas trouxeram para discussão questões que estavam presentes no programa MESC, mas também discutiram suas próprias análises do processo de interação cotidiano na escola. Destaca-se nesse sentido também, o grande envolvimento dos gestores das duas escolas, em parceria com a defensora pública no acompanhamento da implementação do programa.

Como a mediação dos conflitos não está centrada em uma única pessoa ou grupo da escola, mas sim no coletivo, onde todo o grupo tem responsabilidade, as possibilidades de discussão das situações de conflito, a avaliação a partir de indicadores e a administração dos mesmos se torna mais plausível. A incorporação das atividades meio como funcionários, porteiros, merendeiras, secretaria, etc., é aspecto fundamental, pois estes setores, que a princípio, não são considerados como responsáveis pelo processo educacional da escola, têm papel chave por administrar as regras e cotidiano da escola, juntamente com a equipe de professores e gestores da escola.

2. Os indicadores elaborados pelas escolas de São Paulo

As duas escolas que participaram da pesquisa situam-se em zonas periféricas de uma cidade no interior do estado de São Paulo. Tanto a escola 1 quanto a escola 2 possuem o professor mediador comunitário, professor responsável pela mediação na escola, segundo o programa Sistema de Proteção Escolar.

Na Escola 1, o grupo focal com professores, foi realizado durante o ATPC- aula de trabalho pedagógico coletivo, atividade, a priori, de trabalho coletivo nas escolas. Participaram do grupo 12 professores. Do grupo focal com os alunos participaram 13 alunos de idade entre 14 e 16 anos, sendo que os alunos foram indicados pela escola e eram de diferentes anos do ensino médio

A Escola 1 situa-se em um bairro periférico e atende alunos do Ensino Fundamental – Ciclo II (6º. a 9ºano/Séries) e desde agosto de 2005, atende E.J.A - Educação de Jovens e Adultos -Ensino Médio (que foi encerrado em julho de 2017) e a

partir de 2014 passou a atender Ensino Médio Regular. A escola possui em torno de 670 alunos e 54 funcionários, incluídos os professores.

Ao considerar os dados dos últimos anos observa-se que o maior problema enfrentado por esta Unidade Escolar se concentra na frequência irregular dos alunos, decorrência de diferentes fatores (desinteresse pela falta de perspectivas em relação aos estudos, necessidade de cuidar da casa ou de irmãos menores enquanto os pais trabalham). A escola atribui esses problemas a:

Uma cultura de pouca valorização dos conhecimentos e valores sociais, éticos e morais que a escola se empenha em transmitir a esses alunos, esse insuficiente acompanhamento dos pais na vida escolar dos filhos tem colaborado decisivamente para índices significativos de rendimento insatisfatório e de evasão. (Entrevista com o prof. Coordenador da escola)

A escola 2, também situada em bairro periférico, mas como já afirmado, atende alunos no entorno da escola que é vizinha de uma Universidade pública, contando com alguns projetos que pesquisadores dessa Universidade propõem. Possui 65 funcionários e alunos de Ensino Fundamental - Anos Finais e Ensino Médio totalizando 632 alunos. É uma escola considerada entre as de boa qualidade no município.

Na Escola 2, o grupo focal com professores, também foi realizado durante o ATPC-aula de trabalho pedagógico coletivo, atividade, a priori, de trabalho coletivo nas escolas. Participaram do grupo 11 professores. Do grupo focal com os alunos participaram 09 alunos de idade entre 14 e 17 anos. Os alunos indicados pela escola eram alunos representantes de sala o que notoriamente resultou em uma discussão mais crítica em comparação com os alunos da escola 1

O trabalho desenvolvido nas duas escolas de São Paulo abordou as mesmas questões trabalhadas nas escolas de Minas Gerais, no entanto, como sentimos certa resistência a abordar os temas primeiro foi solicitado aos professores que escrevessem livremente sobre as questões geradoras da discussão. Após um tempo que foi dado, de meia hora, passamos à entrevista de grupo onde os professores puderam falar sobre as questões acima e as ideias apresentadas. A discussão no grupo foi gravada e sintetizada em frases em um painel para ser visualizado e discutido pelos professores.

Uma observação importante a ser feita é a de que, ao contrário das duas escolas de Minas Gerais, o programa de prevenção da violência escolar, o Sistema de Proteção Escolar, foi pouco mencionado nas discussões sobre os indicadores de violência escolar. Mesmo com a presença do professor mediador da escola, no caso na escola 2, houve certa

reserva em mencionar as ações previstas no programa. A menção ao programa de proteção escolar na escola 1 foi muito negativa, sendo que muitos afirmaram não ter funcionado nessa escola.

2.1. A concepção de violência na escola, vista por professores

A concepção de violência apresentada nos grupos focais com os professores não foi significativamente diferente nas duas escolas, mas tem-se que remarcar que na escola 2 apareceram mais falas que se remeteram também a violência de professores contra alunos.

Além das questões da violência verbal, de agressão entre alunos e de depredações, pode se observar que, assim como nas escolas em Minas Gerais, na escola 2 foi apontada a violência institucional, aqui no caso da Secretaria de Educação de São Paulo.

Assim, a síntese das frases escolhidas pelos professores nos grupos focais foram as apresentadas no seguinte quadro:

Indicadores para análise de programas de prevenção de violência na escola apontados por professores	Indicadores para análise de programas de prevenção de violência na escola apontados pelos alunos
Nível de confiança entre professores e aluno	Métodos de resolução dos conflitos. Existência de diálogo, se colocar no lugar do outro, ouvir.
Interação entre professores	Nível de interesse dos alunos pelas aulas
Existência ou não de projetos interdisciplinares	Relacionamento entre os diferentes participantes da escola
Qualidade da relação família/escola	Frequência de agressões ao prédio da escola
Qualidade da Relação institucional, com órgãos externos como secretaria de educação e outros	Nível de envolvimento dos pais e comunidade com a escola
Número de ocorrências de agressão física	Índice de evasão dos alunos.
Frequência de ocorrência de agressão ao patrimônio da escola	Grau de empoderamento dos alunos
Nível de Protagonismo dos alunos.	Existência ou não de espaços participativos da escola
Formas de resolução de conflitos	Grau de trabalho coletivo de professores e alunos
Gestão da escola: nível de delegação de poder, de diálogo; trabalho em equipe;	Frequência de ocorrência de agressão física e verbal

respeito aos profissionais.	
-----------------------------	--

Quadro 4 - Síntese das falas dos professores das escolas 1 e 2 sobre a violência escolar (SP)

Fonte: Elaborado pela autora

2.2. A concepção de violência na escola, vista pelos alunos

Na concepção de violência, nota-se que os alunos da escola 1 referem-se a situações vivenciadas na escola para falar sobre a concepção de violência e exemplificam com situações ocorridas, o que não se observou nas duas escolas de Minas pois nelas os alunos se manifestaram sobre concepções genéricas do conceito.

Os alunos da escola 2 mostraram-se muito mais críticos e com posicionamentos mais definidos, muito provavelmente por serem representantes de classe o que influenciou significativamente a qualidade das reflexões no grupo focal.

A questão do preconceito aparece com destaque nos grupos focais tanto da escola 1 quanto da escola 2, assim como o bullying e a agressão física. Apesar da questão da agressão física e o bullying aparecerem nos grupos focais das duas escolas, os alunos da escola 2 apresentam argumentação mais elaborada e se posicionam refletindo sobre as ocorrências e formas de enfrentamento das mesmas pela escola.

Outra questão que aparece na relação entre alunos e professores foi a frase apontada por eles “falta de respeito. Quando questionados sobre isso, definiram como sendo o pré-julgamento e ausência de diálogo com os alunos, bem como o preconceito contra preferências musicais ou forma de vestimenta adotada pelos alunos.

Na escola 2 a questão do respeito foi colocada por alunos como sendo uma exigência unilateral, do respeito devido somente ao professor. Os se manifestaram de forma mais aprofundada sobre questões relacionadas às situações vivenciadas no cotidiano da escola, principalmente com respeito a preconceitos, homofobia, etc., que estão presentes na relação entre professores e alunos.

Um aspecto importante destacado pelos alunos das duas escolas, mas com mais ênfase pelos da escola 2, é a ausência de protagonismo e participação dos alunos, considerado um aspecto importante na relação do aluno com a escola. Esse destaque vai aparecer significativamente quando forem discutidos os indicadores de violência na escola.

As falas sobre o respeito e o protagonismo dos alunos têm grande importância na discussão sobre a elaboração dos indicadores de avaliação dos programas de violência

escolar pois ao não serem levados em conta nesse processo provocam uma análise parcial do problema.

	Tipos de violência-Escola1	Tipos de violência-Escola2
Professor-aluno	- sem menção	- Fala que oprime, que ofende, que machuca.
Aluno-professor-escola	- Depredação do espaço físico da escola. - Vandalismo interno e externo à escola - Indisciplina.	- Agressão física e verbal. - Quebrar as regras de convivência - Agressão ao patrimônio da escola.
Professor-professor	- sem menção	
Violência institucional (órgãos públicos, direção, etc.)	- sem menção	- Tudo aquilo que de alguma forma interfere no bem-estar de outra pessoa. - Agressão psicológica. - O sistema de contratação de professor é muito violento. - Violência da Secretaria de Educação. - Tudo que viola a integridade física, psíquica, e conseqüentemente emocional.
Aluno-aluno	- Agressão verbal e física entre alunos, palavrões. - Falta de respeito de meninos contra as meninas.	- Briga entre alunos. - Atitudes não condizentes com o ambiente escolar
Escola-Pais	- A violência vem de fora, responsabilidade dos pais. - Agressão de pais contra professores.	-

Quadro 5 - Concepções de violência dos alunos das escolas 1 e 2

Fonte: Elaborado pela autora

2.3. Os indicadores apontados por professores e alunos das duas escolas

A análise dos indicadores apontados por professores e alunos se diferencia claramente. Da parte dos professores são destacados os indicadores que se relacionam a elementos relacionados com disciplina e respeito dos alunos à escola e de participação da família na escola. Este último aspecto apareceu com frequência nas falas do grupo focal, destacando a recorrente responsabilização das famílias pelo comportamento e relacionamento dos alunos com a escola e seus profissionais.

Da parte dos alunos destacam-se principalmente elementos que se relacionam com os conflitos apontados por eles, incidindo em indicadores relacionados ao grau de participação e protagonismo dos alunos.

O indicador da disciplina está presente tanto no grupo de professores quanto no de alunos, mas com sentidos diferentes, para os alunos ele está vinculado a uma disciplina com regras elaboradas com a participação dos mesmos, para os professores fica claro na discussão dos grupos focais que se trata de uma disciplina dos alunos em conformidade com regras pré-estabelecidas pela escola, cujos princípios não são bem claros nem mesmo entre o grupo de professores.

As falas no sentido de acionar outras organizações como polícia e conselho tutelar estiveram presentes nos grupos focais de professores, apontando para soluções que foram mencionadas por eles, inclusive como medida preventiva de situações mais graves como fica claro nas duas falas a seguir:

Então, eu coloquei aqui que seria como avaliar esse programa, eu coloquei assim “eu acho que é como realmente a gente tem por aqui”, inclusive eu vou contar um caso da nossa policial Cecília, ela é tenente gente? Eu não sei o que ela é, mas ela veio com a ronda escolar pra ajudar, bem prestativa, e eu coloquei assim “Muito difícil como avaliar, por que difícil? Porque vários mecanismos, ou regulamentares, de leis e tal, e até institucionais, não conseguem atuar de maneira eficaz pois suas ações são limitadas devido uma série de fatores.

Com a gente é assim, a gente procura também chamar aqui quando é um caso muito grave, porque houve uma ameaça, com várias, inclusive eu estava presente quando houve essa ameaça, e como assim, não são pessoas que a gente conhece, a gente preferiu tomar essa providencia do que pagar pra ver. Porque o policial falou, pode ser que estejam falando da boca pra fora, mas a gente não tem como saber. Então a gente achou melhor prevenir, e até comentei com você, não são alunos nossos. São pessoas que a gente acredita que sejam aqui da comunidade, e daí acabou tendo que ter essa intervenção.

Como pode ser observado pela síntese dos indicadores apontados por professores e alunos no Quadro 6, a seguir, os alunos apontam para indicadores que abordam as relações de poder e de necessidade de maior participação deles nas decisões na escola, assim como de ações coletivas na organização da mesma. Da parte dos professores, quando analisamos os indicadores sob as categorias de análise que apontam para ações coletivas na escola ou indicadores que apontam para ações a serem tomadas por alunos e

família, observa-se que há predominância desta última, o que levaria a uma análise dos programas de prevenção da violência de forma unilateral.

	Tipos de violência-Escola1	Tipos de violência-Escola2
Professor-aluno	<ul style="list-style-type: none">- Xingamentos dos professores contra os alunos.- Desrespeito do professor com o aluno.- Preconceito, racismo. Intolerância.	<ul style="list-style-type: none">- Abuso da autoridade do professor na sala de aula.- homofobia, o machismo, o racismo do professor contra o aluno- Desrespeito do professor com o aluno.
Aluno-professor-escola	<ul style="list-style-type: none">- Agressão à escola (patrimônio da escola).	
Professor-professor	Sem menção	
Violência institucional (órgãos públicos, direção, etc.)		
Aluno-aluno	<ul style="list-style-type: none">- Roubo de material escolar e pertences pessoais.- Brigas.- Xingamentos/entre alunos/bullying.- Agressão física.	<ul style="list-style-type: none">- Bullying (entendido como chacota, agressões verbais).- Agressão física entre os alunos.
Escola-pais	Sem menção.	

Quadro 6 - Indicadores apontados por professores e alunos (SP)

Fonte: Elaboração da autora

2.4. Indicadores apontados por professores das escolas de Minas Gerais e São Paulo, uma análise comparativa

Na comparação entre os indicadores apontados pelos professores das escolas dos dois estados observa-se uma diferença em termos do que seria importante ser avaliado em um programa de prevenção da violência escolar.

Nas duas escolas de Minas Gerais observa-se que os indicadores apontados se relacionam, em sua maioria, a ações que envolvem o coletivo da escola e as relações estabelecidas a partir daí. O direcionamento para o comportamento dos alunos parece apontar para aspectos que chamam a escola a agir e não somente a uma alteração

unilateral de comportamento dos alunos. Este aspecto esteve presente o tempo todo nas falas de alunos e professores, o que poderia ser atribuído a gestões mais participativas presentes nas escolas e a projetos coletivos como o MESC.

Nas escolas do estado de São Paulo os indicadores apontam predominantemente para uma expectativa unilateral do comportamento dos alunos e família em relação à escola. Mesmo os indicadores “participação das famílias na escola” e “grau de relacionamento com redes de proteção”, que, a priori poderiam significar ações coletivas, não caminha no sentido de a escola se rever enquanto prática cotidiana coletiva, mas sim como medida de proteção contra os ataques que consideram que a escola e professores sofrem. Tais dados, vêm corroborar com estudo anteriormente realizado sobre o Sistema de Proteção escolar (SCOTUZZI; ADAM, 2016).

Enquanto as escolas de Minas Gerais apontam como indicador a “qualidade” das interações família/escola, as escolas de São Paulo destacam como indicador o “respeito” dos pais pela escola, mas não dá a contrapartida do respeito da escola pelas famílias.

No tocante ao relacionamento externo com órgãos responsáveis pela política educacional, observa-se uma ênfase maior nas escolas de São Paulo, presente também nas discussões dos grupos focais das escolas de Minas Gerais, embora não tenha sido apontado como um indicador.

Indicadores para análise de programas de prevenção de violência na escola apontados por professores	Indicadores para análise de programas de prevenção de violência na escola apontados pelos alunos
Analisar incidência de “xingamentos” na sala de aula (agressão verbal)	Organização da escola
Grau de interesse pelo conhecimento	Nível de diálogo entre todos na escola
Grau de relacionamento com redes de proteção como conselho tutelar e outras.	Grau de coerência entre atitudes dos professores com os alunos
Incidência de violência entre professores e alunos	Falta de professor.
Nível de participação das famílias na escola	Disciplina em sala de aula.
Respeito dos pais pela escola	Existência ou não de abuso de poder.
Respeito dos alunos pela escola	Existência de regras claras.
Incidência de brigas e agressão física	Grau de participação dos alunos no

entre os alunos	estabelecimento de regras.
Grau de Reconhecimento da violência verbal	Metodologia do ensino que interesse aos alunos
Respeito pelo patrimônio da escola	Grau de consciência da importância da participação que os alunos atribuem
Grau de autonomia do professor na escola	

Quadro 7 - Quadro comparativo dos indicadores das escolas de Minas Gerais e São Paulo

Fonte: Elaboração da autora

2.5. Os indicadores apontados por alunos das escolas de Minas Gerais e São Paulo uma análise comparativa

Comparando-se os indicadores apontados pelos alunos dos estados de São Paulo e Minas Gerais percebe-se que há certa similaridade em termos das duas categorias de análise, isto é, indicadores que apontam para ações do coletivo da escola e indicadores que apontam somente para ações de alunos e famílias, ou órgão externo à escola. Alunos das escolas de ambos os estados apresentaram como indicadores a existência de ações da escola que permitam maior participação dos alunos, existência ou não de abusos de poder. Projetos coletivos e o envolvimento dos professores foram indicadores presentes e referidos como fundamentais para a prevenção da violência na escola e para a valorização da escola pelos alunos.

Indicadores para análise de programas de prevenção de violência na escola apontados por professores de Minas Gerais	Indicadores para análise de programas de prevenção de violência na escola apontados por professores do estado de São Paulo
Nível de confiança entre professores e aluno.	Analisar incidência de “xingamentos” na sala de aula (agressão verbal)
Interação entre professores.	Grau de interesse pelo conhecimento
Existência ou não de projetos interdisciplinares.	Grau de relacionamento com redes de proteção como conselho tutelar e outras.
Qualidade da relação família/escola.	Incidência de violência entre professores e alunos
Qualidade da Relação institucional, com órgãos externos como secretaria de educação e outros.	Nível de participação das famílias na escola
Número de ocorrências de agressão física.	Respeito dos pais pela escola
Frequência de ocorrência de agressão ao patrimônio da escola	Respeito dos alunos pela escola

Nível de Protagonismo dos alunos.	Incidência de brigas e agressão física entre os alunos
Formas de resolução de conflitos	Grau de Reconhecimento da violência verbal
Gestão da escola: nível de delegação de poder, de diálogo; trabalho em equipe; respeito aos profissionais.	Respeito pelo patrimônio da escola
	Grau de autonomia do professor na escola

Quadro 8 - Quadro comparativo dos indicadores apontados por alunos das escolas de Minas Gerais e São Paulo.

Fonte: Elaboração da autora

Considerações Finais

Nessa pesquisa, que teve como tema central a discussão da elaboração de indicadores de efetividade de programas de prevenção à violência escolar procurou-se trazer para reflexão a complexidade que acompanha todo processo de análise e avaliação de políticas públicas e educacionais. Para tanto, buscou definir os conceitos de violência escolar presentes tanto teoricamente como os que se apresentam na prática, por meio da fala e ações dos participantes das escolas pesquisadas.

O aspecto das interações no espaço escolar, seja intra ou extra escola, as relações de poder e as diferentes visões, tanto as que refletem a sociedade e o contexto como as que são reelaboradas pelos participantes do processo educacional foram consideradas como elemento central.

A concepção de violência na escola, compartilhada ou não pelos participantes da pesquisa, foi ponto de partida importante para a definição e análise dos indicadores para avaliação de efetividade de programas de violência escolar. Pensar o sujeito em sociedade e as formas de estar em grupo e nas instituições, os valores e princípios compartilhados ou aceitos como adequado ou correto é pensar as diferentes expectativas sociais e grupais.

Dentre as diferentes abordagens sobre a elaboração de indicadores optou-se pela abordagem qualitativa com a participação dos envolvidos nas escolas por considerar que a reflexão sobre os parâmetros e referenciais da avaliação de um programa está composto por um conjunto de pressupostos e referenciais que nem sempre estão claros.

As relações de poder na escola e da escola, os modelos de gestão, as diferentes visões sobre as regras que devem orientar a escola enquanto instituição educacional e os conflitos gerados pelos diferentes lugares ocupados por gestores, professores, alunos e pais, foram questões fortemente presentes nos dados encontrados.

Pode-se apresentar como questão se o fato de os alunos e professores escolhidos a participarem da pesquisa em Minas Gerais, estarem envolvidos no programa MESC de certa forma tenham direcionado os resultados encontrados, considera-se que é possível, ficando para pesquisas futuras, uma comparação com escolas que não tenham o projeto MESC em andamento.

Os indicadores resultantes do trabalho de reflexão dos participantes da escola podem apontar para possibilidades de as mesmas se olharem e se autoanalisarem em termos do que pode e tem sido feito e o que não tem sido feito no âmbito de programas ou políticas de prevenção da violência escolar, assim como apontar em que tais políticas e programas falham e podem ser corrigidos, caso haja interesse. Não se pretende que tais indicadores sejam modelo para outras realidades ou instituições, mas sim que a metodologia desenvolvida, uma metodologia que se considera participativa, possa inspirar outras experiências e formas de avaliar a efetividade de programas de prevenção de violência escolar.

A ênfase na consideração de se levar em conta a partir de que pressupostos se avalia a efetividade de programas ou políticas é um ponto a remarcar nessa pesquisa realizada pois é dessa forma que as desigualdades e as relações de poder se desvelam e que a reflexão sobre formas mais democráticas tanto de gestão como de práticas cotidianas das escolas possa ser pensada.

Os conflitos e diferenças são saudáveis desde que não culminem em relações de autoritarismo e prevalência de um grupo sobre o outro de forma coercitiva. Recuperando a reflexão de Galtung (1996) sobre o processo de construção da paz nas escolas, em que este afirma que as ações de fazer a paz (peacemaking) e construir a paz (peacebuilding), estão relacionadas à paz positiva. A primeira implicando em ajudar as partes a lidarem com conflitos que já ocorreram e a encorajar as condições para que o diálogo aconteça e a segunda, ocorrendo após o fazer a paz, que requer o desenvolvimento de uma cultura de paz, para que a ocorrência da violência seja menos provável, ou seja, ações que visem a prevenção de conflitos no ambiente escolar (proativa). Segundo Galtung (1996), manter a paz/apaziguar, pode se tornar uma forma de violência e os programas e políticas de prevenção da violência escolar tem que ser elaborados com atenção a toda essa complexidade.

Referências

BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

CASTEL, R. *As metamorfoses da questão social*. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

COUTINHO, F. O. R. *Mediação humanizada: um projeto singular da Defensoria Pública de MG*. Belo Horizonte: New Hampton Press, 2015.

COUTINHO, F. O. R. *Projeto MESC: mediação de conflitos no ambiente escolar: "Paz em Ação"*. Belo Horizonte: [s. n.], 2016.

FAIRCLOUGH, N.; MELO, I. F. de. Análise Crítica do Discurso como método em pesquisa social científica. *Linha D'Água*, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 307-329, 2012. DOI: 10.11606/issn.2236-4242.v25i2p307-329. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/47728>. Acesso em: 31 out. 2020.

GALTUNG, J. *Peace by peaceful means: peace and conflict, development and civilization*. London: Sage Publications, 1996.

JANNUZZI, P. de M. Considerações sobre o uso, mau uso e abuso dos indicadores sociais na formulação e avaliação de políticas públicas municipais. *Revista de Administração Pública*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 1, p. 51-72, jan./fev. 2002. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/6427>. Acesso em: 31 out. 2020.

MINAYO, M. C. de S. Construção de indicadores qualitativos para avaliação de mudanças. *Revista Brasileira de Educação Médica*, Rio de Janeiro, v. 33, supl. 1, p. 83-91, 2009.

RAYA DIEZ, E. Exclusión social: indicadores para su estudio y aplicación para el trabajo social. *Revista del Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales*, [S. l.], v. 70, p. 155-171, 2007.

SANDER, B. Administração da educação e relevância cultural. In: SANDER, B. *Gestão da educação na América Latina: a construção e a reconstrução do conhecimento*. Campinas: Autores Associados, 1995.

SÃO PAULO (Estado). *Resolução SE nº 19*. Institui o Sistema de Proteção Escolar na rede estadual de ensino de São Paulo e dá providências correlatas. São Paulo: SEE, 2010.

SÃO PAULO (Estado). *Resolução SE nº 41*. Institui o Projeto Mediação Escolar e Comunitária, na rede estadual de ensino de São Paulo, e dá providências correlatas. São Paulo: SEE, 2017a.

SÃO PAULO (Estado). *Resolução SE nº 42*. Altera dispositivos da Resolução SE 19, de 12-2-2010, que institui o Sistema de Proteção Escolar na rede estadual de ensino de São Paulo. São Paulo: SEE, 2017b.

SCOTUZZI, C. A. S.; ADAM, J. M. *O professor mediador no contexto da prevenção de violência em ambiente escolar*. Curitiba: CRV, 2016.

SENNETT, R. *La cultura del nuevo capitalismo*. Barcelona: Editorial Anagrama, 2006.

SILVEIRA, A. M.; PEIXOTO, B. (org.). *Manual de avaliação de programas de prevenção da violência*. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2010. Disponível em:

http://sisnov.campinas.sp.gov.br/biblioteca/gerais/Manual_Avaliacao_Prog_violencia.pdf.
Acesso em: 31 out. 2020.

SPOSITO, M. P.; CARRANO, P. C. R. Juventude e políticas públicas no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 24, p. 16-39, dez. 2003. Disponível em:
<https://doi.org/10.1590/S1413-24782003000300003>. Acesso em: 25 nov. 2016.

TAVARES DOS SANTOS, J. V. Violências e dilemas do controle social nas sociedades da “modernidade tardia”. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 3-12, jan./mar. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-88392004000100002>. Acesso em: 31 out. 2020.

VAN DJIK, T. A. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2010.

WACQUANT, L. *Punir os pobres: a nova gestão da miséria nos Estados Unidos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

Revisores de línguas e ABNT/APA: a própria autora

Submetido em 26/11/2018

Aprovado em 05/06/2020

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)